

Esculturas de Franz Weissmann: destaque na mostra que reúne obras do neoconcretismo da década de 50.

## Artes plásticas

# Revolução polêmica

*Em exposição, o início do abstracionismo brasileiro.*

Quando, no início da década de 50, começaram as primeiras mostras de arte abstrata no Brasil, a reação do público não foi das mais animadoras. No livro de presenças de uma exposição realizada em Petrópolis, Rio de Janeiro, em 1953, não faltaram, ao lado de assinaturas famosas como as de Burle Marx, Mário Pedrosa e Juscelino Kubitschek, irados comentários anônimos observando que "esta arte é para enganar os trouxas", ou que "o destino desses artistas é o hospício".

Passados 30 anos, o que era polêmica transformou-se em história e as obras de Lygia Clark, Aluísio Carvão, Ivan Serpa e Anna Bella Geiger, entre muitas outras, são hoje preciosos documentos da revolução estética que traduziu os novos tempos da industrialização do Brasil e da euforia desenvolvimentista dos anos JK.

Para permitir uma visão abrangente e didática desse período, o Museu de Arte

Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP) expõe no Pavilhão da Bienal, no Ibirapuera, até dia 23 de junho, de terças a domingos, das 13 às 18h, 97 obras em pintura, escultura, desenho, gravura, livros e impressos da contribuição carioca à arte abstrata. A exposição, denominada *Rio: Vertente Construtiva*, reúne três mostras (Neoconcretismo/1959-1961, Grupo Frente/1954-1956 e I Exposição Nacional de Arte Abstrata-1953) organizadas pelo crítico e historiador Frederico Moraes para a Galeria Banerj em 1984.

Depois de São Paulo, *Rio: Vertente Construtiva* tem roteiro previsto para Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba, mas ainda depende de recursos para cobrir o seguro das obras, avaliadas em mais de 1 bilhão de cruzeiros.

A arte abstrata penetrou no Brasil através de eventos realizados tanto no Rio co-

mo em São Paulo, daí as duas cidades até hoje disputarem o pioneirismo do movimento ou, pelo menos, a paternidade da facção mais importante. Frederico Moraes esclarece que, ao organizar essa revisão, não pretendeu reacender disputas regionalistas. "O alvo da exposição não são os artistas envolvidos nela mas o público em geral, os estudantes, essa geração nova que quer saber as raízes da nossa arte. Nosso objetivo é documentar um período que considero o mais criativo e que ainda hoje é base permanente de invenção. Do neoconcretismo nasceram o tropicalismo, a body-art; a partir dele levantou-se uma série de questões ainda atualíssimas."

Embora a arte abstrata remonte a Kandinsky, Mondrian e à escola Bauhaus, entre outros fatores surgidos no início e durante a primeira década do século, a nova concepção só aportaria no Brasil em 1950, com a retrospectiva do escultor suíço Max Bill, no Museu de Arte de São Paulo. No mesmo ano, realizou-se a I Bienal Internacional, que concedeu a Bill o prêmio de escultura e destacou também o jovem pintor carioca Ivan Serpa.

Bill, com seus cálculos matemáticos para produzir arte, influenciou decisivamente pa-

→  
Ana  
24/06/85

ra a implantação do construtivismo (ou concretismo) no Brasil, assim como as informações trazidas pelas edições sucessivas da Bienal. Os artistas, desvinculando-se da representação do real, aprofundam-se na pesquisa dos elementos plásticos básicos: forma, cor e linha.

Liderado por Waldemar Cordeiro em São Paulo (Grupo Ruptura) e por Mário Pedrosa e depois Ferreira Gullar no Rio (Grupo Frente), o concretismo passou a influenciar todos os setores culturais: a poesia, a crítica literária, a publicidade e até a diagramação dos jornais. O escultor Amílcar de Castro renovou a feição gráfica do *Jornal do Brasil*, que depois divulgaria, em seu *Suplemento Dominical*, o "Manifesto Neoconcreto", de Ferreira Gullar, em 1959.

Os concretistas cariocas se reuniam em torno de Ivan Serpa para discutirem a prática do ateliê, os problemas imediatos da criação. Serpa lecionava no Museu de Arte Moderna. Observando essa produção foi que Gullar identificou a característica que os diferenciava dos paulistas.

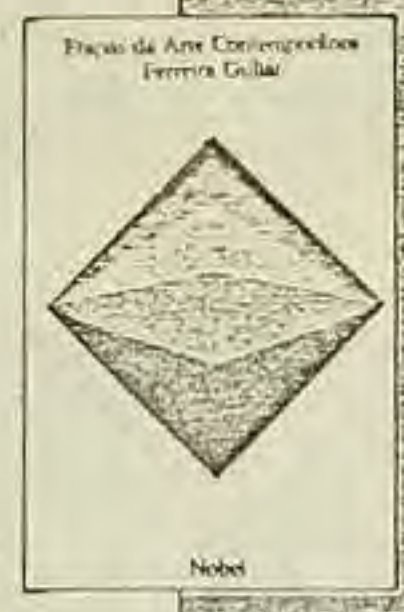
"Ivan Serpa usava elementos geométricos, mas fazia uma certa fantasia com eles; com linhas, compunha uma coisa quase musical, poética", observa Gullar em depoimento que integra a mostra do MAC-USP. "O conceito de que a fantasia e a criação iam desaparecer, ou de que a arte era produto de controle e da razão não fazia a nossa cabeça", prossegue ele.

Frederico Moraes sintetiza: "Havia a facção hedonista e a facção cerebral. Os cariocas privilegiavam a criação e os paulistas a teoria".

O poeta, professor e teórico Décio Pignatari, um dos grandes nomes do concretismo na poesia, prefere tachar os neoconcretos cariocas de meros diluidores. E rebate: "Era natural que nós, vivendo em uma metrópole industrial, não fôssemos intuitivos". Pignatari lembra ainda que "os neoconcretos eram subjetivistas e alienados, enquanto nós não negligenciamos os aspectos ideológicos da arte. A nossa luta era fazer uma arte que pudesse ser entendida por todos".

Polêmicas à parte, a história do movimento neoconcreto teve um de seus pontos altos na exposição realizada em 1956, na Companhia Siderúrgica Nacional, buscando o vínculo entre arte e indústria.

Maquetes de Lygia Clark



### Visão brasileira Em livro, as etapas da arte.

*Durante a inauguração, no Museu de Arte Contemporânea da USP da mostra Rio: Vertente Construtiva, foi lançado o livro Etapas da Arte Contemporânea (foto), de Ferreira Gullar (Editora Nobel, 263 páginas, 48.000 cruzeiros). A obra reúne artigos publicados pelo crítico de arte e poeta entre março de 1959 e outubro de 1960, no Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, e que deram a sustentação e divulgação para o movimento neoconcreto na época.*

*Não foi fácil reunir os textos: gastou-se um ano de pesquisas nos microfílmies da Biblioteca Nacional. A antiga pasta em que Gullar guardava os recortes foi apreendida em 1965, por um capitão do Exército, chefe da patrulha que invadiu a casa do poeta para revistá-la. Quando o militar bateu os olhos no título dado à pasta, suspeitou. Do Cubismo ao Neoconcretismo. "Não adiantou dizer a ele que nada havia ali de política", conta Gullar. "O militar sorriu com sarcasmo: 'Cubismo, é?' E levou tudo, pensando que apreendia material sobre Cuba."*

*A redescoberta dos textos deve-se a Aracy Amaral, diretora do MAC-USP, quando organizava a primeira retrospectiva de fôlego sobre o concretismo: Projeto Construtivo Brasileiro, exposto em*

*1977 na Pinacoteca do Estado de São Paulo e no MAM do Rio.*

*Aracy, ela própria crítica e historiadora de arte, não poupa elogios à obra recentemente editada de Gullar. "Com esse livro, Gullar demonstra que, além de poeta e ensaísta, foi um precursor da história da arte no Brasil", afirma ela.*

*Ainda conforme Aracy, "este é um livro importante, de consulta obrigatória por todos os que se interessam pela nossa cultura. Gullar escreve a partir de um ponto de vista brasileiro, o que é um mérito raro no setor".*

*Hoje, ao fazer um balanço sobre sua dupla participação no neoconcretismo — como artista e teórico —, Gullar lembra nunca ter deixado que a teoria se antecipasse à criação. "Eu pensava sobre o que meus companheiros faziam, mas jamais preendi escrever um plano-piloto para eles ou para mim. Nunca pilotei as pessoas. Os caminhos da criação estão com os artistas e não com os críticos".*

*Gullar lembra que rompeu com o movimento da mesma forma apaixonada com que participou dele: "Rompi por considerar que essa linguagem já não satisfazia todas as minhas necessidades de expressão. Mas rompi também porque era uma atividade desligada da realidade social brasileira. Era o começo do governo Jango, quando se iniciavam os movimentos de massa no País e a luta pelas reformas de base, fatos que exigiam participação direta".*

*"Alguns me acusaram de populista e demagogo quando passei a fazer poesia como os cantadores de feira", lembra Gullar. "Deixei de ser um artista europeu nascido no Maranhão."*

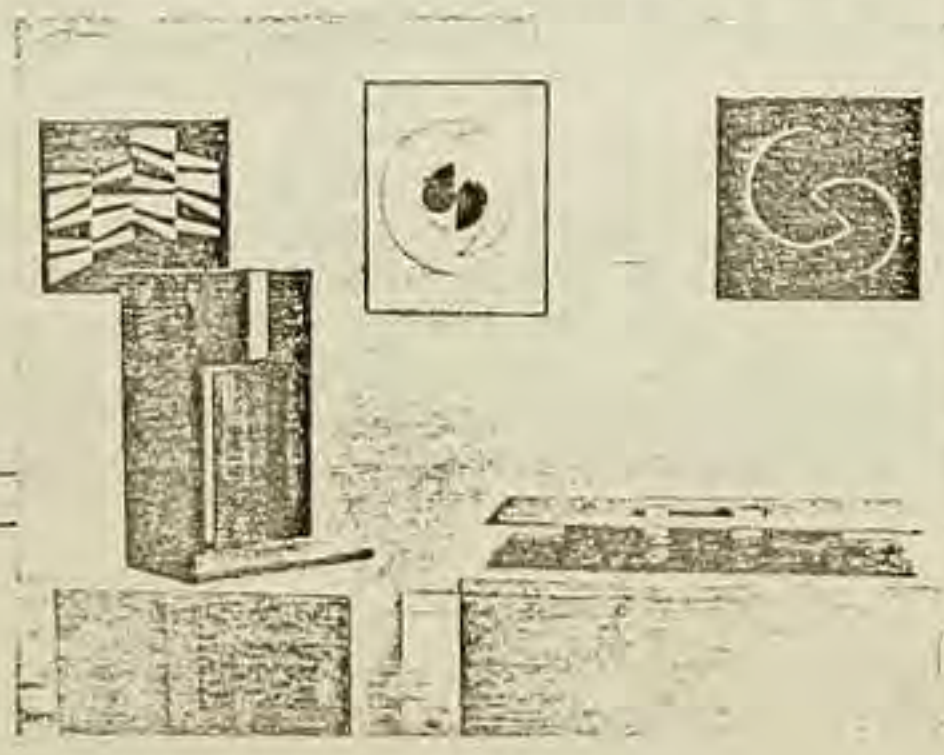
Esse ângulo da herança da Bauhaus não foi levado adiante pelos neoconcretos.

Palatnik criou móveis, Lygia Pape desenhou jóias, Lygia Clark fez maquetes de casas, Fayga Ostrower realizou padronagens para tecidos. Essas e outras obras significativas dos primórdios da arte abstrata no Brasil estão em exposição no MAC-USP, assim como a maioria das

peças originais que integraram a I Exposição Nacional de Arte Abstrata.

Podem ser vistos ainda o *Cubocor* de Aluisio Carvão, as esculturas aéreas de Hélio Oiticica, os *Bichos* (esculturas dobráveis) de Lygia Clark. As dobradas estão presentes ainda nas esculturas de Franz Weissmann e Amílcar de Castro e nos "não-objetos" poéticos de Gullar. A pintura de vibrações óticas de Hércules Barzotti é outro momento importante da mostra que a equipe da Galeria Banerj buscou reunir através de exaustivas pesquisas em acervos públicos e coleções particulares. E que resgata ao público obras como *Composição n.º 5*, onde Ivan Serpa produz, numa folha de 10 x 14 cm, utilizando letras datilografadas e aquarela, uma música visual.

Angélica de Moraes, especial para **Afinal**



Ana  
22/06/85